

A escola como um espaço de espaço de leituras necessárias

Me. Pedro Weslei de Oliveira Silva¹

Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato, CE, Brasil

Dra. Maria Dulcinea da Silva Loureiro²

Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato, CE, Brasil

Resumo

A escola tem falhado em desenvolver, valorizar e fomentar a leitura de mundo dos seus estudantes, que poderia se transformar numa fecunda alternativa para o desenvolvimento de sua criticidade. Esse trabalho se justifica pela necessidade de pensarmos uma escola democrática, plural e comprometida com os interesses da classe trabalhadora, tal como a busca por práticas pedagógicas que sejam significativas para os educandos e educadores. Tendo por objetivo refletir sobre as diversas formas de leitura em ambiente escolar. É uma pesquisa bibliográfica e se utiliza dos autores Alves (2004), e Freire (2016). Durante a pesquisa problematizamos a forma como o ensino de gramática e ortografia por vezes é supervalorizado, chegando em alguns momentos a negligenciar a função social dos textos e suas potenciais reflexões a partir da vida do discente

Palavras-chave: Leitura. Leitura de mundo. Escola .

The school as a space for necessary readings Abstract

The school has failed to develop, value and encourage its students' reading of the world, which could become a fruitful alternative for the development of their criticality. This work is justified by the need to think about a democratic, plural school committed to the interests of the working class, such as the search for pedagogical practices that are meaningful for students and educators. Aiming to reflect on the different ways of reading in a school environment. It is a bibliographical research and uses the authors Alves (2004), and Freire (2016). During the research, we problematized the way in which the teaching of grammar and spelling is sometimes overvalued, sometimes even neglecting the social function of texts and their potential reflections based on the student's life.

Keywords: Reading. World reading. School

1 Introdução

A escola precisa ser pensada e organizada como um ambiente que fomenta leituras, não só das palavras, mas também leituras de mundo (FREIRE, 2016), visando que o aluno se reconheça no espaço e sobretudo compreenda sua classe social, as implicações de sua vida advinda delas e comece a questionar quais estruturas de poder colaboram com sua existência enquanto sujeito histórico e político.

Nessa perspectiva os ambientes educacionais tem tido muitas vezes dificuldade em



garantir que esse estudante se emancipe, para além das dimensões do currículo formal de ensino, sobrecarregando-os com excesso de leituras e questionários comprometidos com a gramática e ortografia e negligenciando as dimensões formativas dos textos e suas vivências a partir da provocação deles.

Esse trabalho se justifica pela necessidade de pensarmos uma escola democrática, plural e comprometida com os interesses da classe trabalhadora, tal como a busca por práticas pedagógicas que sejam significativas para os educandos e educadores.

Se apresenta como uma boa alternativa a valorização da leitura de mundo ou de reflexões oriundas de diálogos ou textos pode contribuir negativamente, para que o estudante se afaste da compreensão do seu lugar no espaço assim, nos questionamos: Como a leitura (de maneira geral) está sendo utilizada nas escolas?

Dessa maneira, este trabalho objetiva de maneira geral: Refletir sobre as diversas formas de leitura em ambiente escolar e de maneira específica: analisar a forma como a leitura de mundo é utilizada na escola e dialogar com as diferentes formas e possibilidades de ler a palavra.

1 Metodologia

Como metodologia, esta pesquisa tem caráter bibliográfico e se utiliza da leitura de livros, artigos e reflexões enquanto discente e docente, buscando garantir que o diálogo e o exercício do magistério somados a ação de estudantes e professores possam ser refletidas e problematizadas. Foram utilizados com mais ênfase Alves (2004 e 1989) e Freire (2016 e 2013)

3 Resultados e Discussões

Iniciaremos¹ esse trabalho, problematizando duas das muitas dimensões que existem no ambiente escolar, a primeira que diz respeito a dimensão do ideal, onde está normatizado, onde se há muito diálogo, onde todos cumprem seus direitos e reivindicam seus deveres, onde a família é atuante e presente e todos os alunos, sem exceção, se desenvolvem de maneira satisfatória. E a segunda dimensão que diz respeito ao real, que muitas vezes não é o que está posto e por vezes não discutido nas universidades. No real, muitas famílias não participam, o professor dispõe de pouquíssimo material, as salas são superlotadas e as implicações econômicas, sociais, políticas e históricas interferem diretamente nas relações educacionais.

¹Aqui peço a licença poética para transitar durante essa escrita entre a primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural



Fazendo um pequeno exercício de digressão, compreende-se que o papel da escola sempre esteve em constante *devir*, atendendo, sobretudo, a ideais dominantes. Sejam eles, ensinar as primeiras letras, trabalhar a relação com os números ou formar mão de obra barata e pouco qualificada. Segundo Althusser (in Zizec, 1994) a escola é um aparelho ideológico do estado, sendo assim uma forma de dominação utilizada pela classe opressora para dominar a classe proletária, dessa forma, a escola muitas vezes se constrói em um meio para que uma classe social exerça dominância sobre outra. Mas qual seria a função da escola afinal?

Ao longo dos anos, podemos constatar que o ambiente escolar brasileiro passou por várias mudanças de enfoque didático, podemos citar como exemplo o recorte histórico do período colonial, onde a população nacional era formada majoritariamente por índios, pessoas escravizadas vindo do continente africano e europeus. Nesse período existia na Europa as rusgas entre a igreja católica e o protestantismo, isso fez com que a Coroa Real Portuguesa enviasse Jesuítas para educar e catequizar a população, ensinando conceitos cristãos e valores morais portugueses, como afirma Xavier (1994, p. 41) sobre a função jesuíta

[...] Os jesuítas deveriam cuidar da reprodução interna do contingente de sacerdotes, necessário para a garantia da continuidade da obra. Sua tarefa educativa era basicamente aculturar e converter “ignorantes” e ingênuos, como os nativos e criar uma atmosfera civilizada e religiosa para os degradados e aventureiros que para aqui viessem [...]

Nesse período a população brasileira precisava, segundo a Coroa Portuguesa de uma educação voltada para os direitos morais e cívicos cristãos como única alternativa para “humanizar-se”, dessa forma, criou-se uma demanda para esse povo, que era a de conhecer o “novo” Deus e se inserir na língua portuguesa (estrangeira), assim a escola se fundamentou na busca para suprir as necessidades da população, necessidades essas, decididas e organizadas pelas classes dominantes.

Partindo do princípio de que a escola deve atender as necessidades da população, afinal essa é a função da escola, atender as necessidades dos seus alunos, mas que necessidades são essas? O que são necessidades? Em Aurélio (2023) necessidade significa:

1. s.f. Aspiração natural e muitas vezes inconsciente: comer é uma necessidade fisiológica.
2. Desejo ardente.
3. O que é necessário.
4. Indigência, miséria.
5. Ter necessidade de, precisar.
6. Ter necessidade de alguém, de alguma coisa, sentir-lhe a falta.
7. Caso de necessidade, caso de força maior.
8. Coisas indispensáveis à vida.

Para os pontos 3, 5, 7 e 8, necessidade é algo que de fato necessita-se, precisa-se. Comer é



uma necessidade, dormir é uma necessidade, pois são situações indispensáveis para a vida humana. A leitura das palavras, também é necessária, pois o mundo está tomado por palavras escritas que clamam para que sejam lidas, porém, nesse meio termo existe uma organização social historicamente estruturada que impõe necessidades, impondo o que se deve vestir, comer, para onde deve ir, o que se deve fazer e tantas outras coisas. Mas e a escola, quais de fato são suas necessidades, como formadora e em formação? E seus alunos, quais são suas necessidades? Como a escola age diante das necessidades dos estudantes?

Nos questionemos: O ensino da gramática é muito importante, sem dúvidas, mas porque insisti-lo se o aluno ainda tem dificuldades na leitura e escrita? Durante uma observação (realizada ainda no período de aluno de graduação) tive a oportunidade de ver uma professora do quarto ano no seu primeiro dia de aula. Ela havia chegado com o semestre já em andamento e como primeira atividade em sala de aula, copiou no quadro uma atividade extensa sobre encontros vocálicos. Essa ação nos fez questionar: Para que o aluno precisa saber o que são ditongos, tritongos, hiatos, se ele ainda nem conhece a professora? e a professora, para que realizar como primeira atividade em sala de aula, algo extremamente conteudista? Não seria melhor buscar conhecer esses alunos antes de aplicar uma atividade? A referida professora poderia primeiramente ganhar a confiança dos alunos, fazer uma avaliação diagnóstica, ter consciência do que os seus alunos sabem, porque eles sabem muita coisa.

Hoje, já como professor, tenho visto uma fixação quase que cega por parte de professores e núcleo gestores para o uso dos textos com excessiva finalidade pedagógica, a leitura muitas vezes tem sido utilizada para responder questões relacionadas a gramática, ortografia, advérbios, diminuindo e/ou inexistindo tempo para a reflexão e leitura dentro da sala de aula, ação que valorizaria o caráter formativo das histórias e dos diferentes gêneros textuais. A forma como lidamos com leituras na escola é sim problemática:

Outro ponto é o castigo pela leitura. Digamos que uma criança aprontou alguma coisa, brigou, falou palavrão ou não cumpriu algumas das regras. A escola, muitas vezes erroneamente, penaliza esse aluno com a leitura de um livro ou texto. “Já que você fez isso, vai sentar aqui com a professora e ler esse livro” Essa atitude mais ajuda ou atrapalha ao desenvolvimento pelo gosto da leitura? É importante que as escolas de maneira geral repensem suas atitudes com relação à supervalorização de finalidades pedagógicas no cotidiano escolar, para que não continuemos pecando em fazer com que situações que a priori devam ser prazerosas sejam utilizadas em momento de opressão e de aborrecimento para nossas crianças. (SILVA. 2023. p. 67 e 68)

Proponho fazermos um exercício, tentemos lembrar o que de fato aprendemos durante nosso ensino fundamental I, de maneira nenhuma insinuo que só porque não lembramos, não quer



dizer que não aprendemos, mas nos esforcemos para lembrar o que aprendemos, de fato. Recordo-me muito sobre a professora falando sobre adjetivos, encontros consonantais e separação silábica, mas lembro muito pouco sobre discussões de textos, sobre discussão de leituras, como eu queria dizer que a estória da Chapeuzinho Vermelho parecia com a história do meu amigo que não estudava naquela escola e tinha uma vó doente ou como eu queria dizer que preferia ouvir Raul Seixas ao invés de ser forçado a dançar as músicas da Xuxa. Essas e tantas outras possibilidades que poderiam ser sanadas caso os professores nos escutassem e compreendessem que educação é muito mais do que apenas grifar substantivos e verbos em textos que não seriam discutidos.

Durante esse período os alunos são iniciados em ensinamentos de porquês, e qual a sua forma de empregá-los nas frases, qual porque se coloca na interrogação, quais nas exclamações, quando ele vem no final ou no começo, mas a principal função do porque, que é a de questionamento e repito, de questionamento, porque a merenda escolar é ruim? Porque eu venho andando para a escola e outros vêm de carro? Por que meu pai bate em mim, na minha mãe, no meu irmão? Afirmo, a escola deveria ser um espaço de porquês, não em frases, mas socialmente, essa é a necessidade dos alunos. Saber os porquês das condições de sua vida.

Uma ferramenta que deve ser utilizada durante esse processo é a leitura, mas não a leitura mecanizada, mas a leitura crítica e reflexiva, não apenas da leitura das letras, mas também a leitura do mundo (FREIRE. 2016), leitura da vida, de fato a escola formar cidadãos críticos, que a partir dessa consciência crítica, ele entenda o porquê dele necessitar aprender gramática. E muito mais, para poder se enxergar como oprimido e questionar sobre sua vida social, Alves (1989, p. 74) faz um alerta quanto a essa leitura mecanizada.

[...] “Paulo Freire, em suas obras, e Sartre, em seu prefácio a Fanon, observam que o que caracteriza o oprimido é a sua incapacidade para o medo de falar. Temo que estejamos formando milhares de bonecos que movem as bocas e falam com a voz de ventríloquos. Especialistas em dizer o que os outros disseram, incapazes de dizer sua própria palavra” [...]

A escola tem falhado na sua função de formar leitores (leitores críticos) hoje, muitas vezes, ela não é um espaço de leitura! Uma inquietação minha é ver cada vez mais em salas de aula o “Cantinho da Leitura” que é um local todo ornamentado onde a criança supostamente lê nesse canto. Encontrei a definição de canto que seria “Ângulo formado pela reunião de duas paredes ou quaisquer outras superfícies. = ARESTA, ESQUINA, QUINA”

("canto", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/canto> [consultado em 21/11/23])

É um pecado pensar que o espaço de leitura na escola, por vezes se resume unicamente a



um mísero canto dentro da sala de aula, empoeirado, lúgubre, com letras em EVA se desmanchando, completamente estéril e sem vida. Se não for pra ler, de que serve a escola? O que o aluno está fazendo lá? A escola deve ter todo o seu espaço destinado a leitura, deve-se respirar, sentir, viver leitura dentro do ambiente escolar, chega de burocracia, chega de fragmentação. Os livros, as obras de arte, os materiais esportivos deveriam estar espalhados pela escola, sendo acessíveis para os alunos. Um dos entraves dos alunos não terem prazer pela leitura, é a inversão feita pelos professores, que insistem em obrigar leituras antes de fazerem com que as crianças gostem de ler, Alves (2004, p. 51) faz uma analogia interessante.

[...] “A Adélia Prado me ensina pedagogia. Diz ela: “Não quero faca nem queijo; quero é fome.” O comer começa na fome de comer queijo. Se não tenho fome, é inútil ter queijo. Mas, se tenho fome de queijo e não tenho queijo, eu dou um jeito de arranjar um queijo”[...]

Os alunos têm muito queijo, mas, pouca fome, e a escola É UMA DAS RESPONSÁVEIS, E NÃO A ÚNICA RESPONSÁVEL por despertar essa fome, provocar uma gula interminável. Teixeira alerta que estamos vivendo uma época de anorexia intelectual.

[...] “Nesse mundo, as pessoas estão a adoecer coletivamente; todas parecem que foram acometidas de anorexia intelectual. Até os professores já não sentem mais prazer em dar aula, pois a maioria dos seus alunos já não quer saber de nada que lhes tome mais tempo do que consegue permanecer em sala e aula; nem ler sabe mais.” (Disponível em: <<http://fcojoseteixeira.blogspot.com.br/2010/02/tempos-de-anorexia-intelectual.html>> Acesso em: 29 de novembro de 2023 [...])

Teixeira tem razão, nossos alunos (e também os professores) estão vivendo esse período, digo mais, não só anorexia, mas inanição e anemia, isso é um problema de todo o estado eu sei, e que todos, família, sociedade e escola são responsáveis, eu compreendo, mas e a escola? Qual sua função? O que ela está fazendo para solucionar isso? Essa é a minha inquietação, a escola está fechando os olhos, se omitindo daquilo que deve partir dela, despertar o interesse pela leitura.

O currículo escolar pressiona muito os professores, muitas vezes eles se tornam refém do mesmo, pois dentro de uma escala hierárquica, onde sempre haverá pressão por resultados, a secretaria de educação pressiona o corpo gestor, que pressiona o professor, que pressiona o aluno, e isso atrapalha esse docente. O ideal seria romper com o currículo e ensinar o que realmente o aluno necessita a partir de suas necessidades reais.

Considerações finais

Dentre tantas possibilidades, indagações e questionamento surgidos nesses escritos, temos



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

consciência que por vezes o currículo engessado, somado a algumas práticas educacionais ultrapassadas, como a pouca interdisciplinaridade, onde uma disciplina tem dificuldades em dialogar com outra, por vezes, aparenta-se que só se pode pensar leitura na aula de português, isso é um erro, a leitura deve ser trabalhada em todas as outras disciplinas, como o aluno responderá uma questão de matemática se ele tem dificuldades na interpretação?

A escola deve ser vista como esse espaço para a leitura, leitura em português, matemática, história, em artes, leitura em tudo, leitura fora da escola, leitura em um passeio. É mediante essa leitura atuante que podemos começar a pensar um cidadão consciente de suas ações e de sua história.

Logo, defendemos uma leitura dialogada, onde o aluno converse sobre o exposto, com a professora e seus colegas. Onde ele possa ser sujeito do conteúdo e não objeto, esperando que a partir dessa leitura floresça um sentimento de pertencimento ao lido, e ele possa de fato se posicionar e questionar, mas também, provocar-se.

Referências

ALVES, Rubens. **Ao professor com meu carinho**. Campinas: Versus, 2004

ALVES, Rubens. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989

AURÉLIO, Dicionário. <http://www.dicionariodoaurelio.com/Necessidade.html> acesso em 29 de novembro de 2023;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário a prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013.

PRIBERAM, Dicionário <http://www.priberam.pt/dlpo/canto> acesso em 11 de maio 2014

SILVA, Pedro Weslei de Oliveira. **Ideologia, cinema e formação docente: O que não te contam sobre os contos de fadas**. Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA. Crato-CE, 2023.

XAVIER, M.E.S.P. **História da educação: A escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994

TEIXEIRA, <http://fcojoseteixeira.blogspot.com.br/2010/02/tempos-de-anorexia-intelectual.html>> Acesso em: 30/11/23

ZIZEK, Slavo. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996

¹ **SILVA, Pedro Weslei de Oliveira** ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6291-8744>

(Universidade Regional do Cariri - URCA)

Link do Lattes <http://lattes.cnpq.br/3143785515198583>.

E-mail: pedro.weslei@urca.br

Licenciado em Pedagogia (URCA), Mestre em Educação (URCA). Professor do Departamento de Pedagogia (URCA) Professor da Educação Básica (Barbalha).

² **LOUREIRO, M. Dulcinea da Silva** ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8964-8273>

(Universidade Regional do Cariri - URCA)

Link do Lattes <http://lattes.cnpq.br/4687440069986005>.

E-mail: dulcinea.loureiro@urca.br

Licenciada em Filosofia (UECE), Doutora em Educação (USP). Professora do Mestrado Profissional em Educação (URCA). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia, ensino de filosofia e literatura.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.